

O ciclo do Pseudo-Boron e o estatuto do *Lancelot* ibérico

ISABEL SOFIA CALVÁRIO CORREIA
SMELPS/IF/FCT / Universidade do Porto
Portugal

O *Lançarote de Lago*, versão ibérica do *Lancelot en prose*¹, conserva-se num manuscrito quinhentista em papel na Biblioteca Nacional de Espanha. Preservam-se apenas o “Segundo e Tercero Libros” que contêm a narração da segunda viagem para Sorelois até, no que ao enredo do *Lancelot* conhecido diz respeito, à vitória de Lancelot sobre o xadrez mágico, ou seja, não narram a infância do herói e a sua chegada à corte arturiana, nem as derradeiras aventuras, como a demência do protagonista ou o encontro com Galaad. Nos últimos fólhos, como veremos, há episódios acrescentados que não existem no *Lancelot en prose* conhecido.

O texto castelhano é o testemunho mais íntegro de uma versão ibérica do *Lancelot en prose* que teve a fortuna de chegar até aos nossos dias. Como sabemos, para além do *Lançarote*, apenas se preservam dois fragmentos escritos em catalão, datados do século XIV². A exígua porção de texto que conservam, apenas três fólhos do que seria, certamente, um extenso romance, não permite aventar hipóteses seguras sobre a sua relação com as fontes francesas ou com os ciclos de romances arturianos em prosa. Assim, o *Lançarote de Lago* é fulcral para o estudo da circulação da matéria arturiana em território ibérico, mormente no que diz respeito à tradição textual do *Lancelot* e sua difusão na península ibérica.

Foi nessa perspectiva que estudamos a versão castelhana na nossa tese de doutoramento³. Assim, consideramos os diversos indícios do conhecimento deste romance na Idade Média peninsular, nomeadamente através das alusões ao livro em inventários de bibliotecas e de referências em obras literárias. Depois de ter sistematizado, e de ter procurado interpretar, as notícias relativas ao “Livro de Lancelot”, cotejamos o texto castelhano com os fragmentos catalães, tentando determinar que tipo de relações estabeleciam com o romance.

Tentamos também perceber qual teria sido a língua de partida do tradutor, considerando a existência de erros linguísticos ou expressões que denunciassessem, de alguma forma, a língua do original.

1 Usamos a abreviatura LP para designar o *Lancelot en prose*. A edição utilizada é a de Alexandre Micha, *Lancelot. Roman du XIII^{ème} Siècle*, Genève, Droz, 1978-1982, 9 tomos.

2 José Manuel Lucía Megías, “Literatura Caballeresca Catalana: de los Testimonios a la Interpretación (un Ensayo de Crítica Ecdótica)”, *Caplletra* (Revista Internacional de Filologia), (39): 231-256, Tardor, 2005, In: [http://eprints.ucm.es/6514/1/2005Literatura_caballeresca_catalana_\(Caplletra\).pdf](http://eprints.ucm.es/6514/1/2005Literatura_caballeresca_catalana_(Caplletra).pdf)

3 Isabel Correia, *Do Lancelot ao Lançarote de Lago. Tradição Textual e Difusão Ibérica do ms. 9611BNE*, Porto, Faculdade de Letras, dissertação policopiada, 2010.

Conforme constatamos, são poucos os elementos que nos permitem chegar a uma conclusão sobre a língua do texto que pode ter sido a fonte do tradutor. Em primeiro lugar, o confronto que efectuamos entre os textos peninsulares revelou que se afastam uns dos outros, provindo de tradições textuais diversas. Em segundo lugar, o fato de o texto conservado no ms. 9611BNE estar quase isento de erros que comprometam o sentido das frases ou dos episódios não nos possibilitou determinar, com algum rigor, a língua de partida da tradução. Na verdade, a existência de léxico com influência francesa apenas indica que estamos perante uma tradução conservadora que, a julgar pelo vocabulário arcaico que mantém, poderá remontar ao século XIV.

Num segundo momento, estudamos as relações do *Lançarote de Lago* com a tradição manuscrita francesa com o objetivo de determinar o grupo de manuscritos a que pertenceria o original francês da tradução castelhana. Assim, efetuamos a colação do texto com a versão do ms. 751BNF e com a versão longa editada por Micha. Usamos também as versões curtas dos mss. 865Gr e 110BNF nos pontos em que se aproximavam do nosso texto.

Para compreender com maior rigor as relações entre o *Lançarote* e as fontes francesas, seleccionamos alguns momentos-chave do romance, nomeadamente o episódio da Falsa Genevra, a investidura de Leonel, a cena do anel no episódio do Vale sem Retorno e algumas personagens, como Genevra e Morgana. Estes episódios são considerados pontos críticos do romance, sendo aí que as versões mais se afastam; por isso, era pertinente analisá-los para determinar o grupo de versões de que o nosso texto mais se aproxima. Afigurava-se igualmente pertinente observar as particularidades do romance ibérico, ou seja, momentos em que divergisse das outras versões. Analisamos também a estrutura do *Lançarote*, atentando nas supressões desta versão, que se localizam, no que às versões francesas diz respeito, na seção comumente designada “Agrevain”. A organização do texto, nomeadamente a divisão em livros e em epígrafes, foi também considerada, uma vez que podia fornecer pistas sobre a filiação do texto num grupo de versões e sobre a originalidade ou o conservadorismo da versão castelhana.

A análise comparatista que seguimos possibilitou chegar a algumas conclusões. Assim, é possível afirmar, com certa segurança, o grupo de versões em que se inseria o original francês do texto peninsular. O ms. 751BNF revelou ser aquele que tem maior afinidade com a versão ibérica. Todavia, embora o *Lançarote* esteja bastante próximo do *Lancelot* conservado no ms. 751BNF, este não pode ser considerado a fonte direta da tradução. O texto castelhano não mantém relações de proximidade com a versão longa editada por Micha pelo que é pertinente não os incluir na mesma família textual. Este afastamento é evidente quer na letra, quer no sentido, como demonstrou a análise dos episódios a que atrás aludimos, que revelou, como se vê no 751BNF, um investimento muito marcado em áreas como a condição régia e o poder senhorial, o casamento como ordem estruturante da sociedade – destacando a tensão latente entre matrimônio e *fin’amors* – e a cavalaria como sustentáculo do poder feudal.

Na última parte da dissertação, procuramos ver se existem mais referências alheias à tradição narrativa conhecida do *Lancelot* para além da já documentada alusão ao “Cavaleiro das Duas Espadas” e do texto dos fólhos finais. Foi nosso propósito compreender as relações do texto final com a estrutura narrativa do *Lançarote* procurando perceber se se tratava de adições de tipo compilatório ou de estratégias redatoriais pensadas. O intuito fundamental da última parte deste trabalho foi compreender em que medida estas lições do *Lançarote* podiam contribuir para determinar a sua relação com os ciclos de romances em torno do Graal, isto é, os designados Ciclo da Vulgata e Ciclo do Pseudo-Boron.

José Carlos Miranda, no estudo que consagrou à relação da *Demanda do Santo Graal* com o Ciclo da Vulgata⁴, defendeu que, o primeiro ciclo de romances em prosa, redigido por volta de 1220-1225,

4 José Carlos Miranda, *A Demanda do Santo Graal e o Ciclo Arturiano da Vulgata*, Porto, Granito, 1998, pp. 244 e seg.

e constituído pela *Estoire del Saint Graal*, o *Merlin*, o *Lancelot en prose* e por uma *Queste + Mort Artu*, teria sido objeto de um duplo processo de reescrita. Por volta de 1230, teriam sido redigidas duas reformulações desta *Queste*: a que hoje é conhecida por *Queste-Vulgata*, editada por Pauphilet como *Queste del Saint Graal*, e a *Queste* do Pseudo-Boron. De acordo com Miranda, esta *Queste* do Pseudo Boron, que além de narrar as aventuras dos cavaleiros em demanda do graal continha o relato da queda do mundo arturiano, integrava-se numa configuração cíclica de que igualmente faziam parte a *Estoire del Saint Graal* e o *Roman de Merlin* com a sua *Suite* e ainda o *Roman de Lancelot* e uma redação do *Roman de Tristan*. Integrava ainda um conjunto de episódios, a que foi atribuída a designação “Folie Lancelot”⁵, fazendo a ligação da matéria do *Lancelot* com a do *Tristan*, e situados, como recentemente defendeu Ana Sofia Laranjinha, na sequência da matéria específica deste último romance⁶. Neste artigo, apresentaremos algumas das conclusões a que chegamos na nossa dissertação em torno da relação entre o *Lançarote de Lago* e o ciclo do Pseudo-Boron.

O romance ibérico possui longas e consistentes interpolações que o integram no ciclo do Pseudo-Boron, a expansão do ciclo arturiano em prosa, bastante difundido em âmbito peninsular e que inclui, entre outros textos, a *Demanda do Santo Graal*. Estas sólidas diferenças face aos restantes testemunhos conhecidos concretizam-se em cirúrgicas intervenções e também na inclusão de grandes porções de texto, sobretudo na parte final do *Lançarote*. Destas referências, apenas a matéria que ocupa os fólios 349-352 e a referência ao Cavaleiro das Duas Espadas, aquando da concepção de Galaaz, foram detectadas e objeto de artigos por parte de alguns investigadores⁷.

Para além das referências estudadas por Bohigas Balaguer, Entwistle, e, mais recentemente, Fanni Bogdanow, António Contreras Martín e José Carlos Miranda, observamos no *Lançarote de Lago* mais três alusões a personagens e acontecimentos que se relacionam com o *Livre de Merlin* e o *Livre de Tristan*. A primeira delas ocorre no momento em que Bertolais, cavaleiro defensor da Dama de Tarmelida, no episódio conhecido como “Falsa Genevra”, lembra Artur das circunstâncias em que ocorrera o noivado com a rainha, que levava como dote a Távola Redonda. Confronte-se a versão castelhana com a preservada no ms. 751 e com a editada por Micha:

5 Cf. *La folie Lancelot, A Hitherto Unidentified Portion of the Suite du Merlin Contained in mss BN. FR. 112 and 12599*, edited by Fanni Bogdanow, Tübingen, Max Niemeyer, 1965.

6 Para mais detalhe veja-se José Carlos Miranda, *op. cit.*, pp. 9-60. Ana Sofia Laranjinha fornece um precioso contributo sobre a matéria tristaniana na *Demanda do Santo Graal* e sobre o significado da *Folie Lancelot* no ciclo do Pseudo-Boron. Veja-se também Ana Sofia Laranjinha, *Artur, Tristão e o Graal. A Escrita Romanesca no Ciclo do Pseudo-Boron*, Porto, Estratégias Criativas, 2010.

7 Referimo-nos, por exemplo, aos trabalhos de Bohigas Balager, Entwistle, Antonio Contreras Martin, José Carlos Miranda e Fanny Bogdanow: Père Bohigas Balager, “El Lanzarote Español del Manuscrito 9611 de la Biblioteca Nacional”, *Revista de Filología Española*, XI, 1924, pp. 282-297; William Entwistle, *A Lenda Arturiana nas Literaturas da Península Ibérica*, Lisboa, Imprensa Nacional de Lisboa, 1942, pp.171-190; Antonio Contreras Martin, *La Imagen de la Caballería en el Lanzarote del Lago Castellano*, Barcelona, Universitat de Barcelona, dissertação policopiada, 2001; José Carlos Ribeiro Miranda, *op. cit.* pp. 23-44; Fanny Bogdanow, “The Madrid Tercero Libro de Don Lançarote (ms. 9611) and its Relationship to the Post-Vulgate Roman du Graal in the Light of a Hitherto Unkwon French Source of One of the Incidents of the Tercero Libro”, *Bulletin of Hispanic Studies*, LXXVI, 1999, pp. 441-52.

<i>Lançarote de Lago</i> (LL, XVI, pp. 12-13) ⁸	<i>Lancelot</i> (ms. 751BNF, 150vII)	<i>Lancelot</i> (LM, t. II, §14, p. 25) ⁹
<p>E dexastes <n>[v]uestro reino [e] fuistes a Tarmelida en semejança d'escudero y llebastes diez y nueve escuderos e conbusco fueron veinte serbiente[s]. Y mio señor el rey, a quien Dios aya merced del alma, [l]e serbiste desde Natal fasta Pentecosté, aquel día servistes bós a la Tabla Redonda ante <u>los cien cavalleros, ca tantos eran entonzes y bós posistes después los cinquenta que ende avia menos (...)</u> Donde avino después que quando enbiastes a Merlín por ella y le devisaron que non avia de casar, sino com aquél de quien se pagase todos los de la Tabla Redonda, que él dixo después: “dalda al rey Artur, que aquéste es el escudero que bos aqui serbió el día de Pentecoste”.</p>	<p>Vous en guerpistes <i>votre</i> regne et alastes en Tamelirde en sanblante d'un escuier vous uncune (...) de conpangnons et la servistes mon signor le roi, dont Diex ait l'aume, des le Noel duc a la Pentecoste. Et celui jor servites vous a la table reonde devant <u>les cent et cinquante chevaliers</u> et illuec gangnastes vous le cuer et la grasce de tous ciax qui i manioient et dit chascuns c'onques mais un seul valet n'avoient veu qui si fust a talentables et plaisants et par ce <i>vous</i> fu donee la <i>plus</i> vaillans damoisele qui onques fust ce fu ma dame qui ne pooit estre mariee a nul home qui n'eust le cuer et la grace de touz ciax de la table. Ensi fu fait de <i>vous</i> et de li li mariages¹⁰, ansoit c'onques hons ne seust qui vous estiez ne qui non et avec li preistes <i>vous</i> le plus riche don et le plus bel qui onques este dones <i>en</i> mariage de fame, cest la Table Reonde.</p>	<p>Vos guerpistes <i>vostre</i> terre et meistes en autrui main et venistes el roailme de Tarmelide a guise d'escuier et tuit <i>vostre</i> compaignon autresint; et illuec servistes mon seignor le roi del Noël jusqu'a Pentecoste et le jor trenchastes vos le poon a la table Reonde <u>au los des cent et cinquante chevaliers qui i seoient</u>. Si en fu chascuns servis a son talent et par ce eustes vos la plus vaillant dame qui soit: ce fu ma dame la roine, et vos dona mesire li rois le plus haut don qui fust doné en mariage, ce fu la Table Reonde.</p>

Como se verifica pelos excertos transcritos, a versão castelhana trata de forma distinta a informação sobre o número de cavaleiros que compõem a Távola Redonda e integra informação relativa ao papel de Merlin no noivado de Artur. No nosso entender, ambas as opções estão profundamente ligadas, sugerindo que, ao tempo da escrita da versão conservada no *Lançarote* outros textos foram manuseados pelo redator. Observemos o que nos diz o *Livre de Merlin*¹¹, na parte correspondente à *Suite du Merlin*, sobre a composição da Mesa Redonda na altura em que Artur e Merlin se deslocam a Tarmelide:

Mais elle n'e est mie toute, ains s'en faut .L. chevaliers, qui puis sont mort que li rois Uterpendragons trespasa de cest siecle. Et jou en eusse já mis .L. que jou avoie esleu, mais uns preudom hermites me dist que je m'en entremesisse já de metre les .L. (...) Et chis i asserra .L. des plus preudommes, que vous ne troverés en *vostre* país. Cele parole me dist li preudom et pour chou laissai jou en tel maniere la **table qu'il n'i a orendroit que .C. chevaliers de .C. et .L. qu'il en i doit avoir par conte.**— Certes, fait Merlins, c'est voirs. Tant en i doit il avoir, si i seront asses tost mis, se Diu plaist¹².

8 Usamos a edição de Harvey Sharrer e Antonio Contreras Martín, *Lanzarote del Lago*, Madrid, Alcalá de Henares, Centro de Estudios Cervantinos, 2006. Designamos a edição pela sigla LL. Sempre que a nossa leitura seja divergente da dos editores, remetemos em nota para a edição.

9 A versão curta do ms. 768 BNF editada por Micha não contém esta passagem. Veja-se Alexandre Micha, *op.cit.*, t. III, §§3-6, pp. 24-26.

10 *mari*(C reonde)ages. Suprimimos esta palavra na tabela para facilitar a leitura da passagem. .

11 A edição utilizada é a de Gilles Roussineau, *La Suite du Roman de Merlin*, Genève, Droz, 2 vols, 1996. Usamos a sigla SM para identificar esta obra.

12 SM, §245, p. 199, sublinhado nosso.

Bertolais, nas outras versões do *Lancelot*, refere-se aos acontecimentos que tinha presenciado no tempo do rei Leodagan, o pai de Genevra, sendo então estranho que já aí a Mesa Redonda fosse constituída por 150 cavaleiros, quando, de acordo com a passagem da *Suite*, que acima transcrevemos, este número só seria atingido no tempo do rei Artur. Esta indicação leva-nos a crer que os redatores das versões francesas conhecidas do *Lancelot*, que mencionam que a Távola Redonda possuía já 150 cavaleiros antes do casamento de Artur, não conheciam a *Suite*, talvez porque esta continuação do *Livre de Merlin* ainda não se encontrava redigida, mas o mesmo não se passava com o redator do nosso texto, que fornece um contexto para explicar convenientemente a sua opção. Para um leitor da *Suite*, não faria sentido esquecer as várias linhas que explanam a constituição da Mesa Redonda desde Uterpendragon até Artur. Assim, parece-nos possível que o redator da versão original do *Lançarote*, conhecendo a *Suite*, tenha corrigido uma afirmação que, mais do que insuficiente, considerava errada de acordo com a diegese do ciclo. Além disso, é significativo que o redator não só corrija o número de cavaleiros que aí tinham lugar no tempo do pai de Genevra, como acrescenta que esse número aumentara durante o reinado de Artur, procurando não causar incongruências, separando o que se passara no tempo de Uter do que sucedera na época de seu filho.

O redator reescreve passagens do romance com o intuito de o aproximar de outro que teria, a seu ver, matéria importante e afim. Igual procedimento encontramos mais adiante, quando Artur fica pesaroso no momento em que Keu decide partir para resgatar Genevra da prisão de Meleagant:

<i>Lançarote do Lago</i> (LL, CCLV, p. 128)	<i>Lancelot</i> , ms. 751BNF (196 rII)	<i>Lancelot</i> Micha (LM, t.II,§XXXVI, p.6)	<i>Lancelot</i> Micha VC (ms. 110, t. III, p.259)
E a mí pésame mucho, dixo el, que lo amo mucho e es mi collaço , e otrosi me fiço siempre mucho servicio.	Et ge ain tant son ¹³ service que mult en auroie grant duel.	Li rois avoit Keu molt chier, si mist totes les paines qu'il pot en lui retenir, mais il ne volt dire la chose por quoi il remandroit .	Et j'aim plus son service que rien ; et por ce en ai jou molt grant doel.

Como se constata, apenas na versão ibérica se afirma que Artur e Keu eram “irmãos de leite”, informação que remonta já ao *Livre de Merlin*¹⁴:

Si voil que vos le mandoiz et que vos li doingnez tant dou vostre que il et la dame jurent sor sainz qu'il norriront un enfant qui lor será aportez du lait mesmes a la dame et feront le lor alaïter a une autre femme et norrisent celui qui aportez lor sera si come lor fil demoine. (M §73 p. 248).

A *Suite du Merlin* volta a mencionar que Keu e Artur eram colaços no momento em que Merlin lhe revela que ele é filho de Uter: “apriés li conte le vie de lui et l'afaire et comment il le fist norrir dou lait dont Kes devoit estre norris”¹⁵.

Ainda que Keu, o mordomo, seja uma personagem com uma ampla tradição narrativa e que a afinidade que mantém com Artur seja um tema que já se encontra no *Merlin*, logo pouco decisivo para aferir das relações entre o *Lançarote* e o universo do Pseudo-Boron, julgamos que esta informação terá

13 *sen*, subponteadado pelo copista, son

14 A edição usada é a de Alexandre Micha, *Merlin. Roman en prose du XIII^{ème} siècle*, Genève, Droz, 1979. Usamos a sigla M para nos referirmos a esta obra.

15 SM §20, p. 16.

provindo provavelmente de obras mais próximas no tempo e na matéria da versão original do *Lançarote*. Não podemos deixar de mencionar que, para além das referências que constam do *Merlin* e da *Suíte*, que já referimos, também o *Tristan en prose* preserva esta relação de parentesco entre Keu e o rei, num episódio estruturalmente próximo daquele que encontramos no romance castelhano. A alusão a Keu como irmão de leite de Artur aparece no ms. 757BNF¹⁶, que representa a versão breve do *Tristan en prose*¹⁷.

Depois de ter lutado com Palamède, que vence, Tristan segue com Iseu até à Joiosa Guarda. Durante o percurso, passam diante de Camalot onde Artur e seus cavaleiros haviam erguido alguns pavilhões nos prados próximos do castelo. O monarca está a comer na companhia de sua corte, quando o par amoroso passa diante de seus olhos sem proferir palavra, apesar de Tristan ter visto e reconhecido o rei e seus companheiros. A pedido de Artur, Keu vai ao encontro de Tristan para que este se junte ao monarca que deseja falar-lhe. O cavaleiro declina, justificando que tem um longo caminho pela frente que deve cumprir o mais rapidamente possível. O senescal considera que Tristan foi orgulhoso e desafia-o para um duelo. Como seria de esperar, o cavaleiro da Cornualha leva considerável vantagem e o rei, preocupado, “s’en ire fort et courrouce, cri la doutance grant que misere Kex ne soit mort, et il amoit Kex mult durement por ce que **norri avoient este ensemble**”¹⁸.

Para além da frase enunciada conter a mesma informação, a construção dos episódios no *Lançarote* e no *Tristan* é bastante próxima, como se pode ver na tabela abaixo:

<i>Lançarote de Lago</i>	<i>Tristan en prose</i>
<ul style="list-style-type: none"> – Meleagant desafia a autoridade do rei, exigindo a rainha; – Keu, de forma intempestiva, oferece-se para conduzir Genevra e lutar contra Meleagant, defendendo a honra do rei; – Artur teme perder Keu porque o estima devido ao serviço que lhe tem prestado por que é seu colação. 	<ul style="list-style-type: none"> – Tristan desafia a autoridade do rei quando não o cumprimenta, nem acede ao seu pedido; – Keu, de forma algo intempestiva, desafia Tristan e luta com ele; – Perante a desvantagem de Keu na refrega, Artur teme perdê-lo, pois devota-lhe amizade devido ao facto de terem sido “norrit ensemble”.

Na nossa perspectiva, a existência destas coincidências estruturais entre a narrativa do *Lancelot* e o *Tristan en prose* testemunha, mais uma vez, a dependência deste último em relação ao primeiro, como já tem vindo a ser defendido desde os estudos de Baumgartner¹⁹: o *Lancelot en prose* terá sido um modelo para a concepção do livro em torno do cavaleiro da Cornualha, quer na apropriação de motivos, quer na estrutura de episódios.

Porém, o que nos parece relevante para o nosso trabalho é o fato de a versão castelhana do *Lancelot* referir os laços que unem o mordomo e o rei Artur. Com esta discreta interpolação aproxima-se o romance castelhano do *Tristan*. No nosso entender, e tendo em conta outras aportações que se relacionam com o “livro de Tristão” que veremos em seguida, esta informação poderá ter sido introduzida no *Lançarote*

16 Usamos o tomo II: *Le Roman de Tristan en prose*, ed. N Laborderie & T. Delcourt, Paris, Honoré Champion, 1999. Esta edição será referida ao longo deste trabalho pela sigla TP757.

17 De acordo com o importante estudo de Emmanuèle Baumgartener, *Le Tristan en prose. Éssai d’interprétation d’un roman médiéval*, Genève, Librairie Droz, 1975, este testemunho conserva uma versão refundida e com diversas interpolações provenientes do ciclo do Pseudo-Boron. Ana Sofia Laranjinha, *op. cit.*, pp. 41-42, apesar de concordar com esta afirmação, refere que a investigadora francesa assentou o seu raciocínio em alguns pressupostos errados, como acreditar que a *Queste* do Pseudo-Boron descendia da denominada *Queste Vulgata*. No seu trabalho sobre *A Demanda do Santo Graal e o Ciclo da Vulgata* pp. 24-31, José Carlos Miranda refere-se pormenorizadamente às relações entre DP e a versão breve do *Tristan*, concluindo que o redator deste último teria usado um texto muito próximo de DP na elaboração de matéria referente à temática do Graal.

18 TP757, §209, p. 377, sublinhado nosso.

19 Emmanuèle Baumgartener, *op. cit.*, pp. 118-132.

pelo conhecimento que o redator tinha acerca desta personagem através do *Livre de Tristan* ou da *Suite du Merlin*. Atentemos em mais uma indicação que relaciona o *Lançarote do Lago* com o *Tristan en prose*.

A passagem em que agora detemos a nossa atenção situa-se no *Tercero Libro*, numa seção dedicada às aventuras que Lançarote defronta quando conduzido pela “Donzella Vieja”. Depois de sair vitorioso de um combate contra os filhos do Duque de Gavelas, Lançarote adormece debaixo de uma macieira. Enquanto ele dorme, passa por ali uma linda donzela. Cativada pela beleza do filho de Ban de Benoit, chama duas damas que a acompanhavam, Morgana e Sebila:

<i>Lançarote do Lago</i> (f.299r) ²⁰	<i>Lancelot</i> (ms. 751 BNF, f.278rI)	<i>Lancelot</i> (LM, t. IV§LXXVIII, p. 173)
En esta parte dize el quento que quando Lionel se partió de don Lanzarote y lo dexo durmiendo que luego de ay a una poca de ora pasó por ay una hermosa donzella que hera Reyna de froresta un reino que comarca con Norgales [...] y luego llamo dos dueñas que iban con ella y la una hera Morgai hermana del rey Artur y la otra hera Sevilla y estas tres heran las dueñas del mundo que mas savian de encantamientos de caraturas salvo la reyna de Norgales y la dueña del Lago .	Or dit li contes que <i>quant</i> Lanceloz fu remes dormant apres ce que Lyonnix en fu alez ne demora mie <i>grantment</i> que <i>par</i> illuec passoit une mult bele dame qui estoit roine de la forest²¹ de Sorestant qui marchissoit a Norgales par devers Sorelois[...] ele apele II ²² dames dont l'une estoit Morgue la Fee la seror le roi Artu et l'autre avoit non Sebile l'anchanteresce et s'estoient les III fames el monde qui plus savoient d'ancharment et des charaies fors la dame del lac .	Or dit li contes que quant lanceloz fu remés dormant après ce que Lyoniex s'en fu alez, ne demora mie gramment que par illuec passoit une bele dame qui estoit reine de la terre de Sorestan qui marchisoit a Norgales par devers Sorelois [...] Ele apele II dames dont l'une avoit noem Morgue la fee et l'autre Sedile la roine et ce estoient les III fames ou monde qui plus savoient d'anchantement et de charaies sanz la Dame del Lac .

No *Lançarote de Lago* surge uma terceira figura feminina como termo de comparação entre as três donzelas e a dama do lago, a “reina de Norgales”. Numa primeira leitura, a inclusão desta referência parece-nos estranha ou inexplicável. Se apenas tivermos em conta o *Lancelot*, sabemos que *la roine de Norgales* é uma personagem pouco interventiva, sem qualquer destaque. A sua fugaz aparição, no *Lancelot en prose*, dá-se no episódio em que Gauvain, conduzido por uma donzela amiga de Sagremor, chega ao palácio do rei de Norgales onde estava uma das mais belas mulheres, que o desejava mais que tudo no mundo. O cavaleiro entra na câmara da donzela e ambos têm uma noite de amor. Fatigados, acabam por adormecer e são descobertos pelo pai da jovem que jura matar o cavaleiro que desonrou a sua filha. Ao contar o sucedido à rainha, esta “*commence trop grand duel a faire*”²³. Nada mais se diz ou sabe da rainha de Norgales que, em justa medida, não chega sequer a proferir uma palavra.

Não poderia ser esta a personagem que encontramos na versão ibérica, a par com a Dama do Lago, como sábia de encantamentos. Ora, a *roine de Norgales* é uma personagem que comparece no texto de um dos manuscritos do *Tristan en prose* colacionados por Löseth²⁴, o ms. 99 BNF.²⁵ Nessa versão, esta rainha

20 Para uma leitura ligeiramente distinta, menos conservadora, veja-se LL, CCXXXVIII, pp. 316-317.

21 *roine de la forest (de la forest)* repetido pelo copista.

22 III, o primeiro <I> está subpontado pelo copista.

23 LP, t. VIII, p. 383; 751 BNF, f. 90rII.

24 Eilhart Löseth, *Le roman en prose de Tristan, le roman de Palamède et la Compilation de Rusticien de Pise-analyse critique d'après les manuscrits de Paris*, Paris, E. Bouillon, 1891. Esta obra passará a ser designada Löseth. A citação encontra-se em Löseth, p.189.

25 Fanni Bogdanow, “Introduction”, *La version Post-Vulgate de la Queste del Saint Graal et de la Mort Artu, troisième partie du Roman du Graal*, Paris, vol.1, Soc.des Anciens Textes Français, 1991, pp. 142-147, fornece-nos uma descrição sumária deste manuscrito que contém uma versão do *Tristão*, intitulada, segundo o *explicit*, *Le romans de Tristan et de la royne*

não é uma personagem menor, mas uma das duas damas que sempre acompanhavam Morgana. Após o episódio do *Lai voir disant*²⁶ em que se denuncia o mau caráter do rei Marc, o ms. 99 BNF intercala o episódio de “Alexandre l’Orphelin”, onde um jovem deseja vingar o pai que fora morto por Marc. O rei sabe das intenções de Alexandre, seu sobrinho, e planeja matá-lo. Depressa estas novas correm pelo reino e Morgana fica a saber da grande proeza do cavaleiro órfão que deseja ter ao seu serviço. Quando parte em demanda do jovem, “**s’en va tout droitment vers la dame de Norgales et vers Seville l’enchanteresse**”²⁷.

O redator partiu de um episódio já conhecido, reconfigurando os seus intervenientes, conferindo um maior destaque, ainda que negativizando-a, a uma personagem quase inexistente no *Lancelot*²⁸. O redator do texto original da versão hispânica, conhecendo o *Tristan*, adicionou esta personagem num contexto que se coadunava com as características que os redatores tristanianos lhe haviam atribuído.

Pelo que vimos até aqui, o *Lançarote* contém mais referências relacionáveis com o universo cíclico do Pseudo-Boron do que aquelas mencionadas pela crítica apontando para relações com dois livros do ciclo, o *Merlin na Suite* acrescentada pelo Pseudo-Boron, e o *Tristan*. Os episódios constantes nos fôlios finais, que a seguir sistematizamos, fornecem mais pistas sobre a estratégia redacional do *Lançarote*. Lembremos a história:

Galban, Gariete, Boors, Lionel e Lançarote decidem abandonar a corte em busca daqueles que tinham ido em demanda do amante da rainha e ainda não tinham regressado. Antes de partir, o filho de Ban de Benoit tem uma conversa com Genevra em que aquela lamenta que o amor dos dois venha a impedir o cavaleiro de concretizar as aventuras do Graal. A narrativa afasta-se da versão francesa quando Artur chama a rainha e Lançarote para jantar. Quando todos comiam alegremente, eis que chega uma donzela da parte de Don Tristan. A mensageira pede a Artur que aconselhe o cavaleiro sobre o amor que nutre por Iseu e lembra o rei que deve fazê-lo pois Tristan já lhe salvou a vida. Afastado da Cornualha, em sofrimento por não poder ver a amada, Tristan deseja que o rei lhe diga o que fazer perante tal sentimento que o confunde. Artur responde assertivamente, afirmando que, para manter a sua honra e nobreza cavaleiresca, Tristan devia abandonar os amores com a mulher de seu tio. Todos os cavaleiros concordam com Artur, exceto Lançarote que aconselha Tristan a ser fiel ao amor que sente por Iseu, ainda que isso signifique a sua morte, pois assim será admirado como o melhor dos cavaleiros e amadores²⁹:

Y todos dixeron que lo que el rey, salvo don Lançarote que dixo ansi: “Donzella, deid vos a don Tristan que yo lo aria sin falla que non dexa su amor, pues li a començado tan fuertemente, salvo que lo mantenga lealmente e que lo non false en días de su vida, y que por muerte ni por vida no dexa de amar, mas que muera en el, que el deve ser loado ypreciado sobre todos los cavalleros del mundo, que nunca fueron en la Gran Bretaña ca despues de su muerte diran ‘don Tristan fue el qu nunca tubo par entre los cavalleros y entre los amadores, ca el fue el mejor cavallero de todos los cavalleros y el mayor de todos los amadores’ y ansi seria loado sobre cuantos en su tiempo son”³⁰.

Yseut la Blonde, royne de Cornoaille. De acordo com a erudita de Manchester, “le volume donne une rédaction complète de la deuxième version du *Tristan en prose*, mais contient (...) des interpolations qui ne se retrouvent pas dans les autres manuscrits.”, *idem*, p. 143.

26 Löseth, pp.184-185.

27 Löseth, p.189, sublinhado nosso.

28 Todavia, esta personagem terá sofrido várias reconfigurações nas diversas versões do *Tristan en prose*. Para além das duas que mencionamos, é ainda referida como “amiga” do rei dos Cem cavaleiros (Löseth, §368, p.269).

29 Observando o episódio, verifica-se que a relação com o *Tristan en prose* vai mais além do que a referência explícita ao cavaleiro da Cornualha. Assim, alude-se a episódios tristanianos, como Artur salvo por Tristan na floresta de Darvances, a expulsão de Tristão da Cornualha quando Marc descobre a sua relação com Iseu. Para uma análise detalhada deste episódio, veja-se Isabel Correia, *Do Lancelot...*, *op. cit.*, pp. 264-285.

30 Conforme Bogdanow, *op.cit.*, 1999 já notou, o começo deste episódio do *Lançarote* encontra-se também documentado num texto, redigido em francês, datado do séc. XIV, o fragmento de Imola. As diferenças mais significativas entre as duas versões residem na presença de Boors na versão francesa, e sua ausência na castelhana, e na assertividade da resposta de

Desejoso de conhecer Tristan, Lançarote parte em sua demanda. No seu percurso chega à “Insula de Merlin”, após passar uma ponte de ferro, e leva a cabo uma série de aventuras anunciadas na *Suite*, ficando também a saber que a espada que acabara de retirar da campa de Balain, o cavaleiro das duas espadas, seria aquela que mataria Don Galban. Neste ponto, o texto remete para o “Livro de Don Galás” pois é aí que se narra essa história em detalhe. Lançarote, após desfazer os encantamentos do “Lecho de Merlin”, aventura também prevista na *Suite*, encontra uma “dona vieja” que lhe roga que abandone a ilha. O cavaleiro acede e volta a passar a ponte de ferro, retomando o caminho que o conduzirá ao mar. Aí encontra uma barca com doze donzelas a quem pergunta por Tristão. Depois de saberem o seu nome, as jovens convidam-no a entrar na embarcação, com a promessa de lhe darem notícias sobre o cavaleiro da Cornualha. Após navegarem toda a noite, chegam à “Insula Fonda” onde “el rey Pelinor hera en una câmara muy rica, y su escudero de don Lanzarote fallose cerca de una fuente” (f. 355). O romance termina neste ponto com a advertência de que se há-de começar o “Libro de Don Tristan”.

Como se verifica, mais uma vez, a narrativa relaciona-se com o *Livre de Tristan* e o *Livre de Merlin*. Contudo, nos fólhos finais, o narrador remete para o “Livro de Galás” onde se poderão conhecer em pormenor os acontecimentos a que alude. Assim, o *Lançarote* entronca em mais uma obra do ciclo do Pseudo-Boron: a sua versão da *Queste*. Observemos estas remissões antes de nos dedicarmos ao rico túmulo de Pelinor” no *Lançarote*.

Ainda antes dos episódios finais onde se documentam as conexões com o *Livre de Tristan* e o *Livre de Merlin*, encontramos duas indicações redacionais também para o “Livro de Galás”: a primeira delas anuncia que Artur e Mordered morrerão na batalha de Salesbieres e a segunda diz-nos que Lancelot raptou a rainha, após a delação de Agrevain, impedindo que ela morresse:

1 –Morte de Artur:

<i>Lancelot</i> (ed. MICHA, tIV, p.397, sublinhado nosso)	<i>Lancelot</i> (ms. 751BNF, f.310vI, sublinhado nosso)	<i>Lançarote de Lago</i> (ms. 9611 f.346v, sublinhado nosso)
Einsic com Lanceloz ot dites ses aventures furent eles mises en escrit, et pour ce que li fet estoient greingnor que nus de çaux de laienz, les fist li rois mestre par lui seul si que des fez et des ovres trova l’an I grant livre en l’aumaire le roi Artu après ce qu’il fu navrez a mort en la bataille Mordret, si com li contes vos devisera apertement.	Tout ainsi com Lancelot ot contees ses aventures, eles furent misses en escrit si que des faits Lancelot et des aventures trova l’an I grant livre en l’aumaire le roi Artu, apres ce que li rois fu navrez en la bataille Mordres, si com li contes le divessera sa devant.	E porque ele era mas maravilloso cavallero que otros, ansi mandó el rey que ansi se escribiesen a parte todos sus fechos atal que fuese la istoria del en su cavo. Y savede que la fallaron en el <i>armario de Artur</i> en Salabres, en la batalla Mordred, su sobrino, hermano de don Galban, en la cual vatalla fue herido el rey Artur de que murio y fue en esto otrosi Mordret e todos los cavalleros de una parte y de la otra, y alli falescio la Tabla Redonda, segund lo fallaredes todo por menudo en el Libro de don Galas ³¹ .

Lançarote à interpelação da donzela no romance ibérico que contrasta com a afirmação difusa no fragmento de Imola. Para mais informações sobre este assunto veja-se Fanny Bogdanow, *op. cit.*, 1999, e Isabel Correia, “Em Torno da Circulação Peninsular da Matéria Arturiana, *In Marsupii Peregrinorum. Circulación de Textos e Imágenes al rededor del Camino de Santiago en la Edad Media*, In: *Actas del Congreso Internacional (Santiago de Compostela, 24-28 marzo 2008) al Cuidado de Esther Corral Díaz, Firenze, Ediz. Galluzzo per la Fondazione Ezio Franceschini*, 2010, pp. 455-470 e também Isabel Correia, *Do Lancelot...op.cit.*, 2010, pp. 265-267.

31 Neste ponto a leitura do testemunho é difícil quer pelo fato de a letra da cópia que possuímos do manuscrito ser de árdua decifração, quer por nos parecer que o redator tenha cometido alguns erros, nomeadamente quando escreve o vocábulo

2 – Rapto da rainha:

Lancelot (p.399, t. IV, sublinhados nossos)	Lancelot (ms. 751 BNF, f.310vII, sublinhados nossos).	Lançarote (LL, p.381)
De cele parole que li rois Artus dist furent si atorné cil de la Table Reonde que il en hairent puiz touz dis lancelot de mortel haine, ne onque samblant n'en vodrent faire devant que li mesfez de lui et de la roine fu provez, quant il furent trové nu a nu par Agravain qui espiez les avoit. Mais de ce laisse ore li contes a parler, car bien i faudra retourner, quant il sera tans et ore.	De Ceste parole que li rois Artus dit, furent cil de la Table Reonde si correcies qu'il un hairent puis toz dis Lancelot de mortel haine ne onques n'en osans sanblant moustrer, devant a celui jour queli mesfait de Lancelot et de la roine fu provez par Agravain qui espies les avoit a I matin. Mais de ce laisse or li contes a parler car bien i sarai retourner quant lius en iest .	E desto que el rey dixo fueron todos los de la Tabla redonda muy sañudos e desamaron siempre por ende a don Lançarote, pero nuca se lo osaron mostrar fasta aquel dia que lo fallaron con la reina Ginebra por la esculca de Agravain. Mas desto no fablara aquí agora el cuento, antes lo fallaredes en el Libro de don Galás como don Lançarote libró a la reina e la llebó consigo.

Vejamos, por último, a remissão para o “Livro de Galás” que é exclusiva do *Lançarote de Lago*, situando-se nos fólhos finais:

“Y así fue que de una ferida que le dio don Lançarote, cuando entro en él campo sobre la reina Ginebra, murió, segund se cuenta el en **libro de don Galás**”³².

Como se verifica, todas estas indicações redacionais remetem para a mesma obra, o “Livro de Galaaz”, mencionam igualmente o mesmo momento narrativo, a queda do reino arturiano. Esse acontecimento aparece prospectivado nos três grandes sucessos que o condicionam: a batalha de Salesbierres, o rapto da rainha por Lancelot após a condenação do adultério então revelado e a morte de Gauvain às mãos do seu companheiro.

Como já adiantamos noutro trabalho³³, se é verdade que os acontecimentos referidos nas duas primeiras remissões, que atrás citamos, são comuns à *Mort Artu*³⁴ e à *Demanda Portuguesa*³⁵, a informação

“arvavoro” que se tratará de um lapso, a nosso ver. Além disso, a edição do Lançarote também não fornece uma opção que nos pareça suficientemente clara. Assim, e porque é uma passagem fulcral neste trabalho, optamos por fornecer a nossa leitura do facsimile do ms. 9611BNE. As partes que se encontram em itálico constituem opções nossas face às tomadas na edição. Para uma outra leitura deste excerto, veja-se LL, CCCXXV, p. 381.

32 Manuscrito 9611 BNE, f.351v. A pontuação que os editores usaram neste ponto parece-nos equívoca. Optamos por colocar a forma verbal “murió” entre vírgulas, pois nos pareceu que assim ficava mais claro quem é o sujeito desse verbo. Além disso, discordamos da opção que considera a oração “y don Lançarote” como coordenada da anterior. Partindo desse princípio Antonio Contreras, no artigo intitulado “En Torno a los Folios Finales del Lançarote del Lago Español (BNM ms. 9611)”, In: Whetnall, & Deyermond, (eds.), *Proceedings of the Thirteenth Colloquium*, London, Queen Mary, Univ., 2006, pp. 111-118, considera que neste ponto do texto deve ler-se: “segund se cuenta en el libro de Don Galas e Don Lançarote” (p.114), sendo o livro para onde se remete de “Don Galas e Don Lançarote” que este investigador relaciona com a alusão, na *Demanda Castelhana*, ao fato de estas duas obras andarem juntas. Não foi essa leitura que seguiu na edição do Lançarote: “(...) en el Libro de Don Galás. Y don Lançarote quando oyo lo que las letras dezian dixo que la non llebaria” (LL, CCCXXXI, p. 385).

33 Isabel Correia, *Do Lancelot...*, op.cit, 2010, pp. 455-470.

34 Usamos a edição de Jean Frappier, *La mort le Roi Artu, roman du XIII^{me} siècle*, Genève/Paris, Droz, 1964. Utilizamos a sigla MA para designar esta obra.

35 A *Demanda Castelhana* fornece uma lição diferente: “Y en esto miro el rey Artur como Bleoberis avia muerto a Morderec y que traya su cabeça arrastrando enpos de si, mas el cuero era todo despedaçado” (DE, cap.425, p.326). Desta forma, não seria este o texto para onde a indicação redacional do *Lançarote* remeteria. Usamos como referência a edição de Bonilla y San Martín, *La Demanda del Sancto Grial. Primera Parte: el Baladro del Sabio Merlin. Segunda Parte: La Demanda del Sancto Grial com los Maravillosos Fechos de Lançarote e de Galaz su hijo*, Madrid, Nueva Biblioteca de Autores Españoles, 1907.

que consta nas duas últimas remissões só se encontra nas versões preservadas nos testemunhos ibéricos. É verdade que em todos os textos se menciona o golpe desferido por Lancelot, motivado pelo rapto da rainha que o cavaleiro salva da fogueira, mas só em DP se enfatiza que foi isso que lhe retirou a vida. Se observarmos estas duas versões, constatamos que na *Mort Artu* parece haver uma desresponsabilização da ação de Lancelot, pois Gauvain diz que morreu não por causa de Lancelot, mas devido a uma ferida que os romanos lhe tinham feito e que piorara:

li Romain assailent monseignor Gauvain de toutes pars; si le fierent des espees et des glaives en tous sens et li font el cors granz plais et merueilleuses; mes nule riens ne li faisoit tant de mal com ce qu'il le feroient sus le helme, **car par ce li fu la plaie del chief renovelee, dont il le covint a morir**³⁶.

Gauvain diz explicitamente que não fora Lancelot o seu assassino:

Comment, biaux niés, estes vos dont venus a mort par Lancelot? Sire, oil, par la plaie qu'il me fist el chief, **et si en fusse ge touz gueriz, mes li Romains la me renouvelerent en la bataille**³⁷.

Algo completamente diferente se passa na *Demanda do Santo Graal*:

E sabede que, em aquela batalha [combate entre Galvão e Lançarote] prés Galvam tũ tal colpe de que pois nom pode guarir ante o chagou aquela chaga a morte³⁸.

Lancelot demonstra mesmo vontade de matar o sobrinho de Artur:

Entom se forom firir ambolos cavaleiros e durou a batalha mui gram peça. Mas aa cima foi Galvam tam mal firido que nom pôde mais fazer; e matara-o entam Lançalot se nom fosse por amor del-rei e todos ricos homens do reino de Logres³⁹.

Na *Mort Artu*, Lancelot chega a querer abandonar o combate. No *Lançarote* e na *Queste* do Pseudo-Boron é com a sua espada que morrerá Gauvain, Lancelot estava predestinado a fazê-lo. Não só pelo amor que mantivera com Genevra, mas também porque no final do romance castelhano aporta numa ilha onde se encontra o túmulo de Pelinor, que o Galvão do Pseudo-Boron matara à traição.

Na *Demanda Portuguesa*, o cavaleiro afirma que já havia visto o túmulo de Pelinor. Quando ele e Perceval chegam à ermida da Oliveira Vermelha, vêem no cimo de um monte um rico trono onde estava sentado um homem morto que tinha uma carta na mão. O cadáver estava armado com espada e escudo, mas não possuía coroa. Intrigados com tão estranha figura, os cavaleiros interrogam-se sobre a sua identidade. Lançarote diz então a Perceval:

Referimo-nos a esta obra como DE. Para a *Demanda Portuguesa* utilizamos a edição de Irene Freire Nunes, *A Demanda do Santo Graal*, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1995. Usamos a sigla DP para nos referirmos a esta obra.

36 MA, p. 208, sublinhado nosso.

37 MA, §172, p. 221, sublinhado nosso.

38 DP, § 665, p. 482.

39 DP, § 665, p. 481. A mesma leitura encontra-se na versão castelhana da *Demanda*, cap. 420, p. 324. Todavia, outras informações, como as circunstâncias da morte de Mordered, a que o Lançarote também alude, divergem da versão portuguesa. Para mais detalhes veja-se Isabel Correia, “Em torno...”, *op.cit.*, 2008.

Amigo, bem assi está rei Pelinor vosso padre em ùa insua onde eu foi ùa vez, já gram tempo há. E se este houvesse coroa como vosso padre, eu cuidaria ca este era e que mudaram de cá pera aqui. E estonce lhe contou em que guisa o vira e disse: “Já mais se nom mudará de como está até que seja Galvam morto. “E que há i de haver Galvam?”, disse Persival. E Lançalot se calou entom⁴⁰.

Esta passagem é fundamental pois comprova, a nosso ver, as estreitas relações entre a cena final do *Lançarote* e o último ramo do ciclo do Pseudo-Boron. O cavaleiro já tinha estado, “tempo há”, junto ao túmulo de Pelinor e, a julgar pelas suas palavras, sabia que Gauvain o tinha matado. A evocação desta passagem na *Demanda* indicaria que os fôlios finais do *Lançarote* seriam, com toda a probabilidade, um lugar de confluência de várias narrativas, nomeadamente, a *Suite*, a *Demanda* e o *Tristan*, ou seja, os ramos do Pseudo-Boron a que se procurou juntar o *Lancelot*, introduzindo-lhe algumas interpolações que remetiam para o *Tristan e o Merlin* ou que anunciavam a *Queste*.

Bogdanow, no final do seu magistral estudo sobre o ciclo da Post Vulgata⁴¹, que, de acordo com a estudiosa, não inclui o *Lancelot*, afirma:

The name by which **the whole romance is often referred** to in the *Suite du Merlin*, *L'Estoire dou Saint Graal* or *La Haute Escriure del Saint Graal*, is perhaps the best yet found to describe our author's intentions (sublinhados nossos).

Seguindo o raciocínio de Bogdanow, aquelas designações remetem para o “Roman du Graal”, ou seja, para o ciclo, que segundo esta autora inclui apenas a *Estoire del Saint Graal*, o *Merlin* com as suas continuações e a versão da *Queste* atribuída ao Pseudo-Boron. Porém, na mesma *Suite* encontramos uma outra referência que contraria esta dedução. Quando Artur confessa ao mago que deseja desposar Guenièvre, Merlin dispõe-se a ajudar o monarca nos seus intentos, mas profere umas enigmáticas palavras que sugerem que aquele enlace lhe valerá a vitória numa contenda:

Et non porquant un jour será encore que sa biautés vous aidera tant que vous en recheverés terre a tel point que vous la cuiderés del tout avoir perdue. Et che dist il por Gaalehot, qui devint ses hom liges et li rendi sa terre la ou il l'avoit toute gaignie et tout che fist il pour amour de Lancelot. Li rois n'entendi pas cele parole que Merlins li dist adont, car trop estoit obscure, si avint elle puis tout ensi que Merlins li devisa, **si comme l'ystoire le conte qui de l'estore dou Saint Graal en parole et est devisee**⁴².

Merlin, como aliás o redator do texto já esclarece, anuncia o conflito entre Galehot e Artur de que o rei sai vencedor graças a Lancelot, cavaleiro da rainha. Esta remissão poderá também referir-se à entrega de Guenièvre a Artur, depois do episódio da Falsa Genevra, que o senhor de Sorelois só concretiza por vontade de Lancelot. Todavia, o que importa destacar é que o redator afirma que este acontecimento é narrado na “*Estoire dou Saint Graal*”, referindo-se ao *Lancelot*! Assim, de acordo com a argumentação de Bogdanow sobre as intenções que as remissões indiciam, ter-se-ia de considerar o *Lancelot* parte da *Estória do Graal*, logo, parte do ciclo.

Depois destas afirmações, poder-se-á postular que o nosso *Lançarote* testemunha o *Lancelot* que faria parte do universo do Pseudo-Boron? Miranda⁴³, ainda que apenas conhecesse a alusão ao “cavaleiro

40 DP, § 211, p. 169.

41 Fanny Bogdanow, *The Romance of the Grail. A Study of the Structure and Genesis of a Thirteenth-Century Arthurian Prose Romance*, Manchester, Manchester University Press, 1966, p. 221.

42 SM§244, p. 198, sublinhado nosso.

43 José Carlos Miranda, “A Edição Castelhana de 1535 da *Demanda del Sancto Grial*: o Retorno de Excalibur às Águas”, *Península*. Revista de Estudos Ibéricos (1): 53-63, Porto, 2004.

das duas espadas” e a matéria dos fólhos finais, defende essa possibilidade, que já aventara na sua tese, sustentando que as alusões que aí se encontram ao *Tristan en prose* e à *Suite*, intimamente relacionadas com o ciclo que circulou em Portugal, são demasiado consistentes para que se considerem mera contaminação de matéria tristaniana, mas devem ser entendidas como testemunho do “ramo Lancelot” do Pseudo-Boron.

Poder-se-ia postular que estas modificações teriam sido feitas em território ibérico, onde circularam outros romances do ciclo. Todavia, supomos que o fato de se conservar no fragmento de Imola, a que já aludimos em nota, um texto muito próximo daquele conservado nos fólhos finais do *Lançarote de Lago*, escrito em francês, abona a favor da tese que defendemos, ou seja, que pouco do que se encontra na versão preservada no ms. 9611BNE será de origem ibérica, remontando, pelo contrário, à versão francesa que foi traduzida.

Assim, ainda que o manuscrito quinhentista que sobreviveu até aos nossos dias esteja incompleto, não se tendo preservado nem o que seria o “Primer Libro” nem tão pouco a continuação das aventuras de Lançarote, dispomos de elementos suficientes para subscrevermos a hipótese de José Carlos Ribeiro Miranda. Todas as referências, alusões e remissões que aqui observamos não parecem resultar de um aproveitamento de tipo compilatório de vários textos, enxertados em pontos díspares do romance, mas sim de um processo continuado de reescrita. Esta laboriosa *conjointure* terá sido efetuada em terras francesas com o objetivo de aproximar o *Lancelot en prose* de um universo romanescos em constituição, o ciclo do Pseudo-Boron. O *Lançarote de Lago*, com as suas referências consistentes e conscientes a este ciclo de romances, é prova disso.

RESUMO: O “Lançarote de Lago”, ms. 9611 BN. Espanha, é uma versão do romance francês *Lancelot*. Esta narrativa revela profundas semelhanças com uma outra contida no ms. 751 BNF, mas apresenta também especificidades que denotam as várias camadas textuais presentes. Na realidade, o *Lançarote de Lago* evidencia fortes e consistentes conexões com esse universo romanescos patentes na menção a personagens e episódios provenientes de romances como o *Merlin* e o *Tristan en prose*. É nosso propósito neste artigo refletir brevemente sobre as relações do *Lançarote de Lago* e o ciclo do Pseudo-Boron.

Palavras-chave: *Lançarote de Lago* – Ciclo do Pseudo-Boron – literatura arturiana – versões do *Lancelot* – romance arturiano ibérico.

ABSTRACT: The *Lançarote de Lago*, the 9611 BNE ms., is an Iberian version from the French *Lancelot*. This romance has strong connexions with one specific French version from *Lancelot*, the 751BNF ms, but it also has some features and specific readings that uncover several writing processes and strategies. The *Lançarote de Lago* has strong connexions with the Pseudo-Boron cycle that we can see through the allusions and relations with the *Livre de Merlin* and the *Tristan en prose*. With this paper we aim to present a brief reflexion on those connections intending to see how the *Lançarote de Lago* is related with the pseudo-Boron cycle.

Key-words: *Lançarote de Lago* – Pseudo-Boron cycle – arthurian literature – Lancelot’s versions – Iberian arthurian literature.